



**UNILAB**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU**

**JOÃO PAULO SANTIM CÓ**

**A CONTRIBUIÇÃO DE “OS CONDENADOS DA TERRA” PARA SE PENSAR A  
DESCOLONIZAÇÃO DA MENTALIDADE COLONIAL NO CONTEXTO DA  
GUINÉ-BISSAU**

**LA CONTRIBUCIÓN DE LA “LOS CONDENADOS DE LA TIERRA” PARA SE  
PENSAR LA DESCOLONIZACIÓN DE LA MENTALIDADE COLONIAL EM EL  
CONTEXTO DE GUINÉ-BISSAU**

**JOÃO PAULO SANTIM CÓ**

**A CONTRIBUIÇÃO DE “OS CONDENADOS DA TERRA” PARA SE PENSAR A  
DESCOLONIZAÇÃO DA MENTALIDADE COLONIAL NO CONTEXTO DA  
GUINÉ-BISSAU**

Pré-projeto apresentado ao curso de Humanidades como requisito básico  
para conclusão do Bacharelado em Humanidades pela Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Orientador:** Prof. Dr. Lourenço da Conceição Cardoso

**REDENÇÃO/ACARAPE, 2017**

**SUMARIO:**

<b>1.RESUMO.....</b>	<b>3</b>
<b>1.1RESUMEN.....</b>	<b>3</b>
<b>2. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>4. OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 GERAL.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 ESPECIFICOS.....</b>	<b>14</b>
<b>5. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA .....</b>	<b>14</b>
<b>5.1 OS PARTIDOS POLITICOS.....</b>	<b>21</b>
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>8. REFERENCIAS BIBLIOGRAAFICAS.....</b>	<b>29</b>
<b>9. CRONOGRAMA.....</b>	<b>30</b>

## 1. RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades tem como objetivo principal pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau. Neste sentido, para que a sua elaboração se torne uma realidade, parte-se às consultas e leituras de vários autores, nomeadamente, obra: “*Os Condenados da Terra*” de Frantz Fanon quanto o foco e ferramenta científica. Pois, a partir dessa obra: “*Os condenados da Terra*”, apresentamos umas críticas tanto ao nacionalismo, assim como, ao imperialismo, reconhecendo as suas consequências psíquicas e sociais deixadas aos povos autóctones, à maneira como a linguagem serviu de veículo para estabelecer a identidade imperialista entre o “colonizador” e o “colonizado”. Assim como, as funções da classe, da raça, da cultura nacional e da violência num conflito por libertação nacional, bem como os mecanismos de dominação usados no processo da descolonização. Portanto, de acordo com os dados obtidos pela pesquisa, compreendemos que Frantz Fanon assegura que para libertar-se da dominação colonial é preciso a união; a unidade nacional para que o processo da descolonização se torne uma realidade.

**Palavras-chave:** Descolonização. Frantz Fanon. Guiné-Bissau.

### 1.1 RESUMEN

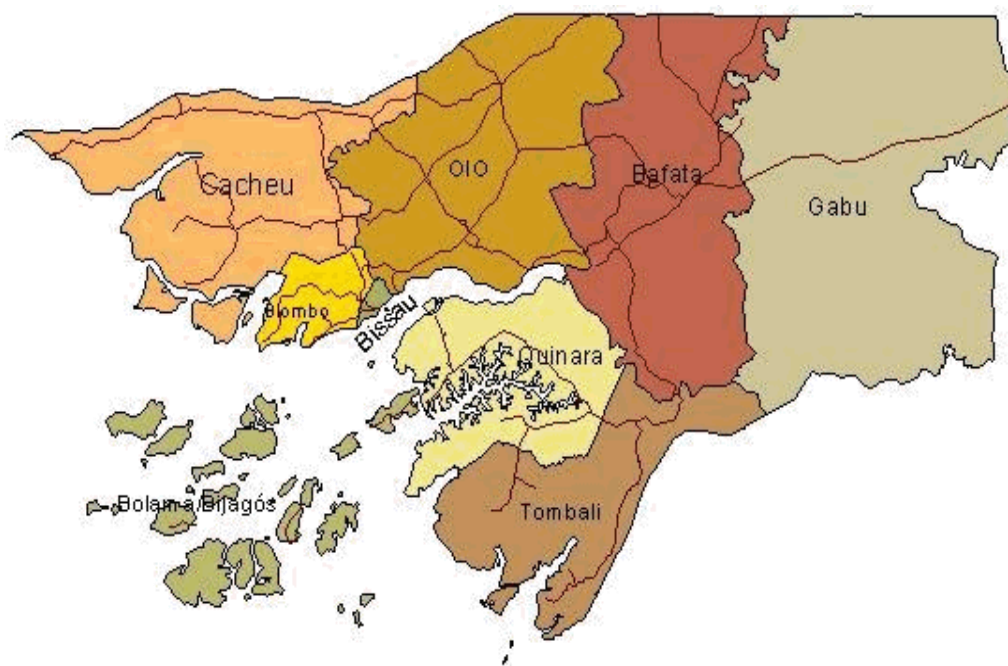
El presente trabajo de finalización del curso de bachillerato de Humanidades tiene como objetivo principal pensar la descolonización de la mentalidad colonial en el contexto de Guiné-Bissau. En este sentido, para que su preparación para convertirse en una realidad, parte en las consultas y lecturas de diversos autores, en particular, trabajar: "Los Condenados de la Tierra" de Frantz Fanon como el enfoque y la herramienta científica. Sí, de este trabajo: "Los Condenados de la Tierra", presentamos algunas críticas tanto nacionalismo y el imperialismo, reconociendo sus consecuencias psíquicas y sociales de izquierda a los pueblos indígenas, a lo que el lenguaje sirven como un vehículo para establecer la identidad entre el imperialista "colonizador" y el "colonizado". Así como las funciones de clase, raza, cultura nacional y la violencia en un conflicto para la liberación nacional, así como los mecanismos de dominación utilizados en el proceso de descolonización. Por lo tanto, según los datos obtenidos por la investigación, entendemos que Frantz Fanon asegura que para liberarse de la dominación colonial lleva a la Unión; la unidad nacional para que el proceso de descolonización se convierte en una realidad.

**Palabras clave:** Descolonización. Frantz Fanon. Guiné-Bissau.

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada no âmbito do projeto do trabalho de Conclusão do curso de Bacharelado em humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE) que foi intitulado: “contribuição de “Os Condenados da Terra” de Frantz Fanon para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau”. Esta pesquisa envolve os docentes e discentes de graduação e pós-graduação a partir dum momento de reflexão sobre os aspectos relevantes para a descolonização da mentalidade guineense herdada desde o período da colonização portuguesa.

Guiné-Bissau é um país de língua oficial portuguesa, ex-colônia portuguesa, primeiro entre colônias portuguesas em África a tomar a sua independência em 1973, por via da luta armada liderado pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), criado no dia 19 de setembro de 1956, por engenheiro agrônomo, Amílcar Lopes Cabral, o líder de duas nacionalidades, Guiné e Cabo Verde, juntamente com outros cinco companheiros. Guiné-Bissau é um País situado na costa ocidental da África e banhado ao oeste pelo oceano atlântico e tem as fronteiras entre as duas repúblicas, ao norte pelo Senegal e ao sul por Guiné-Conacri, ambos ex-colônias francesas. Além do território continental, o país tem ainda a parte insular que compõe os arquipélagos de Bijagós, constituídas por mais de 80 ilhas. De acordo com Namone (2014), o território contém uma superfície total de 36.125km<sup>2</sup> e é administrativamente dividida em 08 regiões e 37 setores, incluindo o setor autônomo de Bissau, capital da Guiné-Bissau. As regiões que compõem a Guiné-Bissau são as seguintes: Bafatá, Biombo, Bolama, Cachéu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali (NAMONE, 2014, P.15). E as regiões de Biombo, Cachéu e Oio ficam na Província Norte do País; as regiões de Bafatá e Gabú ficam na Província Leste; as regiões de Quinara, Tombali e Bolama ficam na província Sul da Guiné-Bissau e Cidade de Bissau que é Capital fica no centro do território da Guiné-Bissau. Essas são regiões que compõem o território nacional da Guiné-Bissau, assim como demonstra o mapa do País em baixo:



Fonte: [http://-guinebissau.com/país/organização\\_administrativa.htm](http://-guinebissau.com/país/organização_administrativa.htm) [www.stat](http://www.stat) acesso em 13/05/2017, pelas 17h53mn.

Neste sentido, segundo Namone (2014), a população da Guiné-Bissau é estimada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes (1.500.000 habitantes), divididos a cerca de trinta (30) grupos étnicos, sendo assim os mais numerosos são classificados das seguintes maneiras: Balatas, Fulas, Mandingas, Manjacos, Papéis, Mancanhas/Brames, Beafadas, Bijagós, Felupes, Balanta-Mané, Mansoanca-Cunante, Baiote, Nalus e entre outros grupos étnicos menores. Esses grupos étnicos aí classificados que compõem a população do território nacional da Guiné-Bissau, ainda existem subdivisões dentro de cada um deles. Destaca-se que a tradição cultural desses grupos é bastante rica e diversificada, pois todas as etnias estabelecem diferenças linguísticas e modos artísticos, entre outros comportamentos linguísticos notórios no território guineense além da língua oficial portuguesa é o crioulo como língua nacional que une todos esses grupos étnicos, cada um desses grupos étnicos possui a sua própria língua de comunicação (NAMONE, 2014, P.16).

De acordo com o INEC (1991, Apud Namone, 2014, P.16), Guiné-Bissau está dividido em três grandes províncias como já tinha referido acima, sendo elas: Leste, Norte e Sul ou Meridional, além do setor Autônomo de Bissau (SAB-Capital do País). Ao longo das várias décadas o território guineense foi um polo de disputas pelas potências europeias durante ao longo tempo que iria culminar com as decisivas resistências étnicas para defesa da sua soberania. Por volta da década de 1446, marca a data inicial da chegada dos portugueses no território hoje

conhecido como Guiné-Bissau, através de um navio coordenado por seu grande navegador, Álvaro Fernandes.

De acordo com Candé Monteiro (2013), no território guineense, a ocupação portuguesa começou no norte do País, especialmente na cidade do Cachéu em 1588, mas sob a liderança da administração do Arquipélago de Cabo Verde. Os rios e a costa da área da Guiné eram umas das primeiras zonas colonizadas pelos portugueses e a exploração no interior do País só aconteceu a partir do século XIX. Em 1697 fundaram atual capital de Bissau com intenção de servir como base para intensificação militar e entreposto de tráfico negreiro, com o tempo viria a ser considerada a cidade e capital do território nacional da Guiné-Bissau. Ainda tinham intenção de estabelecer uma relação de trocas de produtos com as diferentes partes do continente, como informa Candé Monteiro:

Os portugueses pegaram suas mercadorias trocaram por ouro do bambuk na Gambia, o Buré nos golfos da Guiné, especialmente nas regiões do Sul em Elimina, que era visto como o maior centro da atividade da prática de comercialização e do tráfico-por pimenta (malagueta) da Guiné e por último, traficaram as pessoas que eram levados para as ilhas, principalmente para ilha de Cabo Verde, e depois para Portugal para serem vendidos como escravos (CANDÉ MONTEIRO,2013, p.93).

É preciso salientar o empenho teórico de Lopes (1982), à confirmação de Mané (1989); e de Karibe Mendy (2005, Apud Monteiro, 2013, p.94). Os três pesquisadores guineenses salientaram que é aceitável a prova evidente de que antes da chegada da potência portuguesa na região, em 1446, o território nacional da Guiné-Bissau já foi praticamente uma parte do império do Kaabu que estava sob dependência do império do Mali. Nas meditações de Mendy (2005, Apud Candé Monteiro 2013), afirmava que Kaabu já havia tornado um império de direito próprio com a influência política que se estendeu ao norte e a leste da região do Casamance do Senegal e mais ao norte, até a Gambia.

De acordo com Lopes (2001), afirma que este império dissociou-se em resultado de um aumento de pressões externas de potências de países europeus , principalmente os franceses na zona de Casamance , no Senegal e na Guiné –Conacri , os ingleses em Gambia e os portugueses na Guiné-Bissau; também na resultante rivalidade política interna que culminou assim , com uma grande crise política dentro do próprio império que acabou por originar a desintegração do império , mediante uma grande batalha intitulada por “Kansala”, na qual os fulas que vieram da atual República do Mali liderados por Alfa Molo ou Molo Egné lutaram contra os Mandingas dono do império e onde os fulas saíram como vencedores da guerra (LOPES, 2001, P.16-17).Com a ocupação do território guineense há muitas décadas pela administração da metrópole português na base da exploração dos recursos naturais , discriminação , trabalho forçado e injustiças sociais das populações nativas levou o acabo a esse povo, a intenção da preparação

da luta armada de libertação de todo território nacional e pôr o fim a discriminação , exploração das matérias primas e a exploração do homem pelo homem com intuito de garantir as melhorias de condições da vida social , isto é , a soberania plena para todas as populações guineenses independentemente da cor da pele, raça e etnia . Neste sentido, a luta armada de libertação nacional guineense do jogo colonial tinha por interesse único que era a liquidação total do colonialismo português pela vista a tomada da independência do povo da Guiné e Cabo Verde.

Como assegura Lopes (2001), a origem da luta armada na Guiné-Bissau tinha o seu êxito na base da natureza brutal do domínio colonial portuguesa no País, assim como visto em Cabo Verde esses comportamentos imorais dos colonizadores portugueses sobre os dois povos que obrigaram Amílcar Cabral a revoltar e que lhe ofereceram uma indicação muito maior para endereção da luta armada pela aniquilação do colonialismo. O próprio líder da luta armada da Guiné e Cabo Verde, Amílcar Lopes Cabral, expressava de uma forma evidente sobre o que diz respeito a má fé do sistema colonial português: “vi gente morrer de fome em Cabo Verde e vi gente morrer a pauladas na Guiné (com surras, pontapés e trabalho forçado), entende? Essa é a razão da minha revolta” (LOPES,2001, P.21). Neste sentido, o processo de luta armada de independência, o projeto fundamental do PAIGC era de: ” Unidade, Luta e Progresso”, na Guiné e Cabo Verde. Ou quer dizer, havia um projeto de se estabelecer a unidade nacional.

Segundo Namone (2014), o projeto da luta da libertação nacional da Guiné e Cabo Verde tinha como objetivo a união das populações da Guiné-Bissau e de Cabo Verde na luta pela independência e à construção de um Estado binacional nos dois Países, após independência. A base desse projeto também se concentra na educação vista como o instrumento fundamental de promoção de unidade nacional. Por isso que o projeto educativo do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGAC) teve seu início a partir do congresso de Cassacá realizado em 1964, nas chamadas zonas libertadas da Guiné-Bissau no decorrer da guerra de libertação nacional.

Do mesmo modo, de acordo com Namone (2014), a dizer que um dos objetivos do Partido Libertador visava formar um homem novo consciente da sua realidade social e que deveria lutar para transformá-la, ou seja, formar um homem novo livre da exploração colonial e de qualquer que seja tipo de exploração. O foco desse projeto se fundamentaria na formação política de quadros com dever de fornecer o desenvolvimento de uma nova sociedade independente (NAMONE,2014, P.18). Nesta ocasião que a educação do País teria se basear na realidade da Guiné-Bissau, refletindo pela população local, a partir da realidade em que vive. Sendo um país cuja maioria da sua população depende da agricultura, o ensino para formação do homem teria



que ser ligado à realidade do campo (educação voltada ao trabalho produtivo), olhando para o desenvolvimento socioeconômico e para o bem-estar da população.

Por este motivo se dá entender que Amílcar Lopes Cabral, líder de duas nacionalidades, Guiné e Cabo Verde, ex-colônias portuguesas, nasceu no dia 12 de setembro de 1924, no leste da Guiné-Bissau, na região de Bafafá, filho de pais cabo-verdianos que emigraram para Guiné-Bissau a procura da melhoria da condição de vida, pois na época em Cabo-Verde havia grande escassez devido à seca da ilha que não tem boa terra para o trabalho como agricultura que era na altura a maior atividade para sobrevivência da população. Segundo Castanheira (1999), afirma-se que a sua mãe é Iva Pinhel Évora, uma mulher cabo-verdiana da cidade da praia, mas que só conheceu o pai do Amílcar Cabral, Juvenal Cabral, na Guiné-Bissau e no momento que os dois conheceram em Guiné e começaram a namorar, ali nasceu Amílcar Lopes Cabral, no período acima referido. Amílcar Lopes Cabral começou o seu estudo primário na Guiné-Bissau e quando concluiu o ensino primário é obrigado a separar-se de sua família e ir ficar em São Vicente, em Cabo Verde, onde só existia o único liceu no Arquipélago.

Dessa forma, Amílcar Lopes Cabral ao terminar o liceu em São Vicente no ano 1944 e voltou-se para a Praia, onde, conseguiu trabalhar durante um ano como escrivão na Imprensa Nacional. Em 1945, ganhou uma bolsa de estudo para Portugal –Lisboa, onde se matriculou no Instituto Superior de Agronomia (CASTANHEIRA,1999, P.27). Em Portugal, especialmente, na Casa de Estudante do Império, ali que Cabral adquiriu a sua influência política, juntamente, com os seus colegas africanos de outras nacionalidades (Agostinho Neto e Lúcio Lara de Angola, Marcelino dos Santos de Moçambique) e entre outros que viriam a lhe conduzir para dirigir a luta da libertação nacional de dois povos, o da Guiné e o de Cabo Verde, que teve o seu início no dia 23 de janeiro de 1963 no sul da Guiné-Bissau. O líder, infelizmente, não chegou a data da conquista da independência, pois tem sido assassinado por seus próprios companheiros no dia 20 de janeiro do ano 1973, em Conacri, país vizinho onde o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) se instalava o seu quartelamento do exército nacional.

Desse modo, o país, Guiné-Bissau, se tornou independente em 24 de setembro de 1973, pois, entre uns dos objetivos maiores do projeto do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde era a construção do País, isto é, a luta contra a fome, a miséria e subdesenvolvimento, combater as tradições estereis com vista ao desenvolvimento. Depois com abertura multipartidários, os demais partidos políticos tinham como mesma ideologia acima referida. Infelizmente estes sonhos não foram cumpridos e alcançados a nação acabou tenazmente sendo dominada por um grupo de pessoas. Lança-se o país num esforço corpulento

e desigual. Os programas dos partidos consistiam não somente em sair da fome, miséria e do atraso, mas também em alcançar as melhorias das condições de vidas das cidades, isto é, a cidadania plena e o desenvolvimento dos outros países com os meios disponíveis.

Além disso, a escolha do livro de “*Os condenados da Terra*” de Frantz Fanon, deve –se à sua importância no período da descolonização francesa na Argélia no ano 1962, com elaborações teórico-metodológicas reproduzidas por alguns autores contribuintes neste assunto que citaremos a seguir, neste trabalho. O livro de “*Os condenados da Terra*” sendo como um dos principais instrumentos que pode contribuir nas ideias para ultrapassar os problemas que afeta quotidianamente a sociedade guineense. Razão pela qual, compete mostrar que o objetivo principal desde projeto de conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades será pesquisar, analisar e buscar compreender alguns conceitos de autores. A forma como se pensam a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau. Nesta proposta da pesquisa, ainda objetivamos identificar e explicitar aspectos que julgamos relevantes em sua fecundação da herança colonial na Guiné-Bissau e escolhermos outras obras que consideramos como fontes fundamentais da descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau e que expressam em diferentes momentos –períodos, suas elaborações teórico-metodológicas envolvendo a questão da descolonização que é o nosso foco de pesquisa. Para esta finalidade, as obras serão atentamente lidas, relidas e fichadas, assim, gerando algumas sínteses que apresentaremos sem a arrogância para justificar uma temática menos tratada ou abordada no País.

Do mesmo modo, assim, alertar para o fato a pesquisa estar em andamento, todavia, gerará novos elementos, interpretações e indagações a partir da nossa elaboração. No entanto, este trabalho parte-se a partir da seguinte questão inicial: qual será a relevância da contribuição de “*Os condenados da Terra*”? O livro, “*Os Condenados da Terra*”, de Frantz Fanon visa contribuir com uma ideologia de espírito de solidariedade, amor ao próximo, a irmandade e a pátria, o espírito da união nacional nos desejos dos bens comuns com vista para o desenvolvimento socioeconômico de um País subdesenvolvido, como no caso da Guiné-Bissau. Nesta indagação nos leva a trazer o escritor moçambicano, Mia Couto, neste cenário científico para dar resposta a esta questão. Couto (2009), mostra que a nova atitude é uma ferramenta mais importante que pode levar qualquer que seja a sociedade, como no caso da sociedade guineense para via do desenvolvimento socioeconômico.

No que diz respeito ao título deste projeto, o justificamos da seguinte forma: a falta da literatura consolidada sobre a descolonização da mentalidade colonial leva-nos a supor que a descolonização deveria ser uma questão preocupante, analisada e compreendida em atual cenário

da Guiné-Bissau. Com o título descolonização da mentalidade colonial propomos que o tema passe a ser considerado uma questão importante nas produções acadêmicas guineenses. Por este motivo, a abordagem da temática descolonização com o foco no contexto guineense pode ajudar a sociedade guineense a mudar os defeitos comportamentais.

Este trabalho do projeto de pesquisa apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE), no quatro semestre de 2016, intitula-se: “a contribuição de *“Os Condenados da Terra”* para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau”. Nele, defendemos de que o tema descolonização da mentalidade colonial na Guiné seria uma emergência nas pesquisas sobre a mentalidade colonial herdada na Guiné-Bissau.

Para isso, o trabalho bibliográfico constitui-se através das consultas dos livros nas bibliotecas e na internet (a partir de levantamento de resumos, artigos, revistas e dissertações voltadas para o estudo do processo da descolonização na Guiné-Bissau). Mas também, para a produção deste trabalho há influências, extremamente, significativas de diferentes filósofos, sociólogos e historiadores influentes autores neste assunto. Para tanto, o trabalho este é de mútuo e de extremamente importante ao qual *“Os condenados da Terra”* teve participação efetiva e ativa no nosso dia a dia, como contribuinte e renovador centrando na união, unidade e mudança da nossa atitude como um caminho de satisfação.

O livro é intitulado em francês por *“Les Damnés de La Terre”*, que significaria na tradução para o português *“Os condenados da Terra”*, escrito por um ativista argelino, Frantz Fanon. Na visão do, Faustino (2015), afirma que Frantz Omar Fanon nasceu no dia 20 de julho de 1925, na Antilhas, na América Central, especialmente na ilha da Martinica, no Caribe francês, uma ilha povoada por maiorias dos negros escravizados. Tal como, ROSA,2015, P.6) Frantz Fanon era descendente de escravizados africanos, cresceu numa família de classe média, com grande oportunidade que teve de frequentar o liceu, onde foi aluno de escritor, poeta, ensaísta e militante anticolonialista, Aimée Césaire. Fanon tornar-se-ia um admirador do movimento da “negritude “, movimento estável na valorização de raízes africanas, tendo participando firmemente na campanha eleitoral de Césaire ao deputado na Assembleia Nacional Popular pelo círculo da Martinica. Apesar de ter a harmonia com os escritos com discursos sobre o colonialismo de 1955, Fanon não estava no entendimento com Césaire quando proclamou o estatuto de *“Departament d’outre-Mer”*, configurado ao Caribe francês e territórios na costa oriental da África, em 1946. O desentendimento aconteceu na altura em que Aimée fez a campanha de aceitação da departamentalização, na referida organização pelo presidente de

Gaulle, em 1958. Fanon concluiria por criticar os prováveis da “negritude”, que considerava uma imitação dos erros da civilização ocidental.

Neste sentido, por ter confrontado a França, foi-lhe concebida uma bolsa para estudo naquele País, no ano 1946. Licenciou-se em psiquiatria em 1951 e trabalhou a pouco tempo na França, onde partiu para Argélia e foi neste território que Fanon entrou em contato com a luta pela independência do povo argelino. Na atual república da Argélia, Frantz Fanon aderiu à frente de libertação nacional e defende a impossibilidade de recurso à violência na luta pela liberdade.

Portanto, foi na França que Frantz Fanon despertou que era negro, escreveu no seu livro, “pele negra, mascaras brancas”, afirmando a seguinte:

Quando éramos estudantes, discutíamos durante horas inteiras sobre os supostos costumes dos selvagens senegaleses. Havia, em nossos discursos, uma inconsciência pelo menos paradoxal. Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O preto vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Ora, ele é um preto. E só o perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que está se referindo tanto a ele quanto ao senegalês (FANON, 2008, P.132).

Para além disso, na obra, ” *Os condenados da Terra*”, considera-se que é uma oralidade de Frantz Fanon e foi escrito em abril e junho de 1961. Um ano antes de sofrer de uma doença maligna conhecido por leucemia e a que teria menos de um ano de vida.

Como assegura Rosa (2015, P. 08), Fanon morreu com 36 anos de idade, a 5 de julho no ano de 1962, num hospital dos Estados Unidos da América, sete meses antes da proclamação da independência da Argélia em 1962, a pátria adoptiva, onde chegara em 1953. No entanto, o livro, “*Os condenados da terra*”, de Frantz Fanon foi publicado, quando, atual república da Argélia ainda se encontrava em guerra para a libertação nacional do domínio do colonialismo francês. As análises do psiquiatra Martinica Frantz Fanon contribuíram de inspiração e referência para gerações militantes anticolonialistas e que ainda hoje são atuais para percebermos o passado e o presente de povos subordinados. Portanto, neste livro o autor apresenta um estudo dos impactos do colonizado em uma sociedade desigual, e também os sonhos de construção de um “homem novo”, e ainda reclama a união, a unidade contra todas as desavenças e todos os particularismos. Uma das nossas ilações para explicar essa saída foi seguinte: na Guiné-Bissau, a descolonização da mentalidade colonial é o principal método para o progresso do País que deveria ser vinculado pela atuação do estado e deveria ser uma reflexão da atual juventude teórica e acadêmica a fim de influenciar a sociedade que se mudasse dos seus maus atitudes e comportamentos para revestir-se em uma nova atitude e deixar preconceitos étnicas para atrás e unirmos como irmão de uma mesma nação.

### 3. JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema aconteceu na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no campus da Auroras num encontro que contou com a presença do professor da instituição, Dr. Ricardinho Jacinto Dumas Teixeira, na sua secretaria para me ajudar fazer análise da estrutura e delimitação do tema da cultura na perspectiva do Amílcar Lopes Cabral, o líder da luta de libertação nacional da Guiné e Cabo Verde contra o jogo colonial da administração portuguesa. Nesta ocasião, o professor Teixeira me perguntou, por que eu não poderia falar da cultura na perspectiva do Ativista Frantz Fanon? No entanto, para mim a cultura na perspectiva de Amílcar Cabral era muito interessante, a meu ver, dado que, eu falaria da realidade que bem conheço, como sendo guineense. Entretanto, ele viu que isso seria uma repetição, já que, muitos dos meus colegas estudantes da Universidade já falaram a respeito desse assunto. Em conclusão de sua fala, Dumas Teixeira me recomendou ir em casa ler e pensar nestes dois conceitos: “cultura na perspectiva de Amílcar Cabral e cultura na perspectiva Frantz Fanon”. Quando cheguei em casa comecei a ler o livro *“Os Condenados da Terra”* e a partir daquele momento fiquei completamente motivado para falar da cultura na perspectiva do Frantz Fanon, mas só que, eu com o meu orientador, professor, Dr. Lourenço Cardoso, vimos que o autor do livro falou da cultura de uma forma indireta, sem nenhuma definição do se trata sobre a cultura e suas acepções. Com tanta insistência na leitura desse livro vi que este além do tema cultura tem uma outra importância para mudança da mentalidade dos guineenses no atual contexto da Guiné-Bissau. Isso me levou a mudar do tema da cultura para a “contribuição de *“Os condenados da Terra”* para se pensar na descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau”.

A partir deste assunto vi que no que se fala da literatura guineense pouquíssimos são estudos onde a descolonização da mentalidade colonial aparece quanto tema de pesquisa. Pois, a frente de uma observação da literatura científica nacional guineense não se encontra mais do que uns novos escritores que vão abordando sobre este problema. Além disso, escolhi este tema porque nasci e cresci na Guiné-Bissau, a minha experiência como sendo estudante guineense, observei que o comportamento da comunidade guineense em toda sociedade, especialmente no que diz respeito a sua administrativa institucional comparada com a sociedade colonial quase aparentemente idêntica e age da mesma maneira, quando li o livro, *“Os condenados da Terra”* de Frantz Fanon descobri que este tema teria a sua maior contribuição para a questão da descolonização da herança colonial guineense. Para tanto, isso é das influências minhas em escolher este tema que possa contribuir na mudança da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau. Entre outros motivos já legados, levo em conta que as heranças da mentalidade

colonial do colonialismo português são fatores da desintegração das relações sociais guineenses, ou seja, não se trata de um comportamento ético e moral para a sociedade que deseja um desenvolvimento, uma interação entre os diversos grupos étnicos que constituem uma única nação e que deseja o bem-estar e social para todos.

Portanto, para que, possamos desvendar a descolonização é melhor pesquisá-la e analisá-la. Porventura, se é relevante questionar tanto o colonialismo quanto o colonizado, quanto aquele que oprimiu da herança colonial quanto aquele que exerce o papel de oprimido numa dada situação de conflito econômico, político e social ou melhor sobre o bem-estar social. Torna-se imperativo fazer um apelo a sociedade guineense em geral, ao sentimento de dignidade, ao amor e à caridade. É, portanto, apenas a participação ativa na luta política pela transformação das condições sociais concretas de existência que abriria as possibilidades para o surgimento de um novo ser humano. A mudança da virtude e atitude, a união e a unidade nacional do cidadão guineense abriria para Guiné-Bissau a possibilidade de superação do racismo étnico, assim como, a exploração do homem pelo homem, isto é, no caso dos trabalhadores públicos e privados que trabalham, mas chegam numa situação que eles ficam sem salários, inaugurando assim um novo tempo histórico. O novo ser humano, nesse caso, seria essa busca pela transformação concreta da própria existência, permitindo que o dominando se perceba-o, exatamente, em medida em que verdadeiro passa a ser parte de uma singularidade universal que cabe que se mobiliza todas as camadas do povo que apregoa as intenções e as urgências do povo que não teme apoiar-se apenas sobre esse povo e, é necessariamente triunfante.

Por conta disso, ao mudar a visão e observar para unidade, a interação social nacional e ao procurar questionar o herdeiro da mentalidade colonial, pretendo refletir sobre as consequências de efeitos de desunidades sociais, também para o não herdeiro, pois julgo que é necessário da desunidade, do herdeiro quanto o não herdeiro da mentalidade colonial, lembrando que a segregação prejudica, desumaniza tanto herdeiro quanto o não herdeiro.

No que foi dito até, aqui, epílogo dizendo que essa nova maneira de ver a sociedade não significaria a exclusão do homem dentro da comunidade guineense, mas serviria como um contributo à chamada de atenção na descolonização da mentalidade colonial que não nos deixa progredir com vista ao bem-estar e social guineense, de modo geral.

#### **4. OBJETIVOS**

- a. Contribuir para a descolonização da mentalidade colonial dos cidadãos guineenses.

#### **4.1 GERAL**

- Compreender a contribuição de “Os Condenados da Terra” para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau.

#### **4.2 ESPECÍFICOS**

- Verificar o processo da descolonização da mentalidade colonial na Guiné-Bissau;
- Analisar a descolonização da mentalidade colonial e o retrocesso do desenvolvimento da Guiné-Bissau;
- Buscar perceber com maior precisão a descolonização mental no cenário guineense.

### **5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O presente trabalho é uma elaboração dum projeto de pesquisa para conclusão do curso de Bacharelado em humanidades intitulado por “Contribuição de *“Os Condenados da Terra”* para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau”, que tem como objetivo principal contribuir para descolonização da mentalidade colonial dos cidadãos guineenses. Mas também, tem por necessidade criar um clima para um espírito de patriotíssimo e fazer com que a sociedade guineense se reconheça a razão dos seus atuais e futuros fracassos que moram dentro deles. Assim como, a força de superar a sua condição histórica também reside dentro deles. Para isso dizer que todo o cidadão, especialmente a juventude guineense deveria ter um espírito de nação, onde todos vão ser capazes de questionar e capaz de repensar o país e o mundo.

Pela mesma razão, a dizer que ser independente significa ter autonomia de projetar o seu futuro, conhecer as riquezas e capacidades para gerar a mudança social. A independência da Guiné-Bissau ao colonialismo português já cumpriu a sua função ideológica e política num contexto mais amplo das independências africanas. Isso quer dizer que foi uma condição necessária, mas não suficiente para a sociedade guineense. Resta-lhes, portanto, ampliar o acesso aos direitos sociais, esforçando para viabilizar o cumprimento dos direitos ao acesso à educação superior de qualidade, à saúde, à responsabilidade individual de cada cidadão nos assuntos de

interesses públicos. E também, deveria ser privilegiada a construção de uma sociedade livre, justa e democrática, onde a justiça reina para todos sem distinção da cor da pele, raça e etnia entre outras.

Assim como, é pertinente acentuar dizendo que a descolonização da mentalidade colonial guineense é um processo que permitirá todos os guineenses serem independentes para assumirem as suas responsabilidades e perspectivar um futuro melhor e mais qualitativa sem complexos (CABRAL, 1965, p.8). A descolonização da mentalidade colonial na Guiné-Bissau permitir-se-á desenvolver o país e a sua cultura, resgatando o povo da miséria, da fome, do sofrimento quotidiano e da ignorância. Tudo isso deveria ser na base de uma única consciência que é a mudança mental e para se unirem para mudarem a maneira de ser para fazer no País tudo o que os outros fazem nos seus Países, (CABRAL, 1965).

Para tanto, a mudança de atitude e a união criariam uma vida pela qual ninguém não seria mais explorado por alguns grupos do país ou por um estrangeiro. E também que não seria influenciado, enganado e explorado pelos seus próprios irmãos africanos. Para tal, seria o tempo, para que, todos os guineenses fizessem a revolução cabralista (mudança de mentalidade e primazia ao homem novo) com novos atores que possam realizar o sonho de Amílcar Cabral pai da nacionalidade guineense e cabo-verdiana.

Além disso, objetivos específicos deste trabalho é elaborar uma pesquisa de caráter teórica e científica sobre a descolonização da mentalidade colonial na Guiné-Bissau, levando-se em consideração o principal centro disseminador desses estudos, mas também, pretendemos com essa pesquisa obter outros componentes para compreender com maior qualidade a descolonização mental no cenário da Guiné-Bissau.

Deste modo, dizendo que pesquisar a descolonização da mentalidade colonial guineense com a finalidade de aprofundar a reflexão sobre as múltiplas implicações da teoria científica e prática da descolonização da sociedade guineense. Ainda analisar o retrocesso do desenvolvimento da Guiné-Bissau.

Para uma concernência abordagem à esta pesquisa, asseguramos a dizer que a escolha deste livro de “*Os Condenados da Terra*” de Frantz Fanon deve-se sua importância sobre o período da descolonização francesa na Argélia no ano 1962. Com as elaborações teórico-metodológicas reproduzidas por alguns teóricos e contribuintes neste assunto que indicaremos à frente. Assim como, as experiências particulares imbuídas das nossas convivências com os estudantes e cidadãos guineenses. O livro de “*Os Condenados da Terra*” sendo como um dos principais instrumentos que pode contribuir nas ideias para ultrapassar os problemas que afeta quotidianamente a sociedade guineense. Neste contexto, compete-nos mostrar que o objetivo



principal desde projeto de conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades será pesquisar , analisar e buscar compreender alguns conceitos dos autores como se pensam na descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau .Ainda com a pesquisa proposta que objetivamos identificar e explicitar aspectos que julgamos relevantes em sua fecundação da herança colonial na Guiné-Bissau e escolhemos outras obras que consideramos como fontes fundamentais da descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau e que expressam em diferentes momentos-períodos, suas elaborações teórico-metodológicas envolvendo a questão da descolonização que é o nosso foco de pesquisa. As obras foram atentamente lidas, relidas e fichadas, gerando algumas sínteses que apresentaremos e divulgaremos neste trabalho do projeto de pesquisa para dar uma contribuição a uma temática extremamente menos tratada ou abordada no País.

Neste sentido, é importante, assim, alertar para o fato da pesquisa estar em andamento, fato que certamente gerará novos elementos, interpretações e indagações sobre a nossa elaboração. Neste trabalho, começo da seguinte questão inicial: qual será a relevância da contribuição de “*Os Condenados da Terra*”? Portanto, assim dizer que a obra, “*Os Condenados da Terra*”, tem por base contribuir com uma ideologia do espírito de solidariedade, do amor ao próximo, da irmandade, do patriotismo, do espírito da união nacional e nos desejos dos bens comuns com vista para o desenvolvimento socioeconômico de um País subdesenvolvido como no caso da Guiné-Bissau. Enfim, devido a resposta que temos que dar ao longo desta abordagem, inserimos algumas ideias do escritor Mia Couto para assim dar um predicado do que poderia ser feito para uma transformação da Guiné-Bissau. Segundo autor, a nova atitude é uma ferramenta mais importante que pode levar a sociedade como a guineense para uma via do desenvolvimento socioeconômico.

No que diz respeito ao título deste projeto justificamo-lhe da seguinte forma: a falta da literatura consolidada sobre a descolonização da mentalidade colonial leva-nos supor que a descolonização deveria ser uma questão preocupante e analisada no atual cenário do País. Por este motivo, com o título descolonização da mentalidade colonial propomos que o tema passa a ser considerado uma questão importante nas produções acadêmicas guineenses. Pois, a abordagem sobre a temática da descolonização com o foco no contexto guineense pode ajudar a sociedade guineense a mudar os seus defeitos comportamentais.

Neste sentido, este trabalho do projeto de pesquisa já foi defendido pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) no quatro semestre, em 2016, intitulado: *a contribuição de “Os Condenados da Terra” para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau*. Para o mesmo fim, defendemos de que o

tema descolonização da mentalidade colonial na Guiné seria uma emergência nas pesquisas sobre a mentalidade colonial herdada na Guiné-Bissau. Este trabalho bibliográfico constitui-se a partir de consultas dos livros nas bibliotecas e na internet o levantamento de resumos, artigos, revistas e dissertações voltadas para o estudo do processo da descolonização na Guiné-Bissau. Por conta disso, ampliamos este trabalho com uma significação extremamente influenciada pelos diferentes filósofos, sociólogos e historiadores. A contribuição dos autores neste trabalho é de mútua e de extrema importância, visto que, “*O condenado da Terra*” de Frantz Fanon tem uma participação efetiva e ativa no nosso dia a dia quanto contribuidor e renovador, centrando em mudança da nossa atitude como caminho à satisfação.

O livro é denominado em francês por “*Les Damnés de La Terre*”, traduzido para o português como: “*Os Condenados da Terra*”, escrito por um grande ativista argelino, Frantz Fanon. De acordo com Faustino (2015), afirma-se que Frantz Omar Fanon nasceu no dia 20 de julho de 1925, na Antilhas, na América Central, especialmente na ilha da Martinica, no Caribe francês, uma ilha povoada por maiorias dos negros escravizados. Tal como, ROSA, (2015, P.06), salienta de que Frantz Fanon era descendente de escravizados africanos, cresceu numa família de extrema classe média, com grande oportunidade que teve de frequentar o liceu, onde foi aluno de escritor, poeta, ensaísta e militante anticolonialista, Aimée Césaire. Portanto, Frantz Fanon nasceu nesta ilha da Martinica, assim como o mapa em baixo nos indica:



Fonte: <http://www.proel.org/img/mundo.caribe.crioulo.gif>. Acesso em 13/05/2017, pelas 17h53mn.

Então, Fanon torna-se-ia um admirador do movimento da “negritude”, movimento estável na valorização das raízes africanas, tendo participando firmemente na campanha eleitoral de Aimée Césaire ao deputado na Assembleia Nacional Popular pelo círculo da Martinica (ROSA,2015, P.6). Apesar da harmonia com escritos como discursos sobre o colonialismo de 1955, Fanon não estava no entendimento com Césaire quando proclamou o estatuto de “*Departament d’outre-Mer*”, configurando ao Caribe francês e a territórios na costa oriental de África, em 1946. O desentendimento se aconteceu na altura em que Aimée fez a campanha de aceitação da departamentalização na referida organização pelo presidente de Gaulle, em 1958. Fanon concluiria por criticar os prováveis da “negritude”, que considerava uma imitação dos erros da civilização ocidental.

Em seguida, por ter confrontado com a França, Frantz Fanon foi concedido uma bolsa para estudo naquele País, em 1946. Licenciou-se em psiquiatria, em 1951, e trabalhou por pouco tempo na França, onde partiu para Argélia e foi neste território que Fanon entrou em contato com a luta pela independência do povo argelino. Atual república da Argélia. Frantz Fanon aderiu à frente de libertação nacional e defendeu a impossibilidade do recurso à violência na luta pela

liberdade. Porquanto, foi na França que se despertou que era considerado negro, como escreveu no seu livro, “ pele negra mascarar brancas, ”, afirmando a seguinte:

Quando éramos estudantes, discutíamos durante horas inteiras sobre os supostos costumes dos selvagens senegaleses. Havia, em nossos discursos, uma inconsciência pelo menos paradoxal. Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O preto vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Ora, ele é um preto. E só o perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que está se referindo tanto a ele quanto ao senegalês (FANON, 2008, P.132).

Os “condenados da Terra” é considerado a oralidade de Frantz Fanon e foi escrito em abril e junho de 1961. Fanon soubera que um ano antes sofreria uma doença maligna conhecida por leucemia e que teria menos de um ano de vida.

De acordo com Rosa (2015), Fanon morreu com 36 anos de idade, a 5 de julho no ano de 1962, num hospital dos Estados Unidos da América, sete meses antes da proclamação da independência da Argélia em 1962, a pátria adotiva, onde chegara em 1953 (ROSA, 2015, p.8).

Este livro foi publicado, quando, atual república da Argélia ainda se encontrava em guerra pela libertação nacional do domínio do colonialismo francês. As análises do psiquiatra Martinica, Frantz Fanon, contribuíram de inspiração e de referência para as gerações de militantes anticolonialistas e ainda hoje são atuais para percebermos o passado e o presente de povos subordinados. Portanto, neste livro o autor apresenta um estudo dos impactos do colonizado em uma sociedade desigual. E também os sonhos de construção de um “homem novo”, e ainda reclama a união, a unidade contra todas as desavenças e todos os particularismos.

A obra, “*Os Condenados da Terra*”, apresenta críticas tanto ao nacionalismo quanto ao imperialismo, suas consequências psíquicas, uma discussão de como a linguagem é utilizada para estabelecer a identidade imperialista entre o “colonizador” e “colonizado” de forma a moldar psicologicamente os nativos em sua função de escravo de um mestre, e até mesmo a função de um intelectual em uma revolução. O livro aborda também as funções da classe, da raça, da cultura nacional e da violência num conflito por libertação nacional, bem como os mecanismos de dominação usados nos processos da descolonização. Neste contexto, Fanon viu a colônia como um espaço “violento” e de exploração, mas ainda Para Fanon, o colonialismo é muito mais que um sistema classificado apenas como uma exploração estrangeiro dos recursos naturais de um território com recurso à mão –de-obra local, mas o sistema é sobretudo, a “negação sistematizado do outro, um a decisão obstinada de recursos a outro qualquer atributo de humanidade”, por isso mostrou o caminho e serviu como porta-voz dos combatentes e reclamou a união, a unidade de

todos homens e mulheres não só da Argélia, mas em todo continente africano contra todas as discórdias e todos quaisquer tipos de particularismos.

Frantz Fanon percebeu que através da união do povo argelino produz a desunião do povo colonizador, isto é, o povo francês (FANON,1961, P.19). Mas para que isso acontecesse não seria uma tarefa tão fácil, pois o colonialismo não quereria deixar a sua dominação, por isso que é preciso uma colaboração por parte dos nativos para descolonizar os dominadores. O autor viu que não tinha outra via a percorrer para a descolonização, visto que, para que a descolonização aconteça seria necessário se basear no ato da “violência”, por isso que Fanon salienta que a “descolonização é sempre um fenômeno violento”. Isso porque violência chama violência e quando opressor invade a menor parcela que seja de um território, é difícil manter-se aí pacificamente. Fanon convida à uma compreensão da gênese da violência é única alternativa deixada aos oprimidos para sua libertação. Para Fanon, a descolonização não passa de um fenômeno social que seria simplesmente a substituição de uma “espécie “de homens por outra “espécie” de homens (FANON,1961, P.25).

Nesta perspectiva, o homem nasce sem nenhuma característica, comportamento e atitude violento. Acabou por aceitar na condição de ser livre da dominação e do opressor, como o colonizador não queria ser substituído no seu lugar, por este motivo teria que arranjar mecanismos para que haja mudança radical, por isso que Fanon esclarece:

Sem transição, há substituição total, completa, absoluta. Sem dúvida poder-se--a igualmente mostrar o aparecimento de uma nova nação, a instalação de um novo Estado, suas relações diplomáticas, sua orientação política e econômica (FANON,1961, p.25).

Segundo Frantz Fanon (1961), a necessidade da transformação de uma sociedade existe num estado brutal, de um povo que comporta com impulso e coativo na consciência e na vida dos homens e mulheres colonizados no seu território. Portanto, a descolonização seria uma mudança da ordem implantado por um mundo colonizado que, é visto como um programa de desordem absoluta. Tal como afirmou Meneses (2015) de que a descolonização é resumida a partir das múltiplas situações delicadas, associadas ao processo de transição política, reorganização da sociedade epistêmica. O que justifica uma leitura mais detalhada desses distintos processos para desvelar a estratégia de transformação de um termo prescritivo numa categoria histórica, num estágio no curso determinista da história (MENESES,2015, p.40).

Então, esta é visto como um conflito de duas pessoas diferentes que tem por intuito de uma causa no meio, por isso autor salienta: “A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial” (FANON,1961, P.26).

A luta por interesses de cada qual que desencadeou a violência, pois a exploração do colonizado pelo colono foi levada a cabo com grande empenho de materiais de briga para tirar os seus bens do sistema colonial, neste sentido, a descolonização se torna a ter uma característica legítima, como afirma o autor:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobre carregados de essencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história (FANON,1961, p.27).

Com a legitimidade da descolonização introduz no homem ritmo próprio, transmitido por homens novos uma nova sociedade e linguagem, e uma nova humanidade, por isso, neste contexto que a descolonização é a criação de homens novos. Então, a violência do povo colonizado unifica o próprio povo e a sua consciência por interesses comum (FANON,1961, P.27). De acordo com Fanon (1961), a libertação nacional seria o renascimento nacional, o retorno da nação ao povo que lhe pertence.

Concluimo-nos que para explicar essa saída foi a seguinte: na Guiné-Bissau, a descolonização da mentalidade colonial é o principal método para o progresso do País que deveria ser vinculado pela atuação do estado e deveria ser uma reflexão da atual juventude, teórica e prática, afim de influenciar a sociedade que se mudasse das suas más atitudes e comportamentos para revestir-se de uma nova atitude e deixar preconceitos étnico-raciais para atrás e unindo-lhes como irmão de uma mesma nação.

## **5. 1 Os Partidos políticos**

Os partidos políticos são entidades criadas com intuito de defender interesses da população. E, ao mesmo tempo, mostrar favorável à manifestação ou sentimento das queixas dos cidadãos, porém, em vez de assumir a missão fundamental de servir e permitir a livre circulação das ideias do povo e fizerem com que elas cheguem às direções dos partidos, criam constrangimentos e proibições. Proclamam ser servidores do povo e do bem-estar de todos os cidadãos que estavam com depressão, por causa, da dominação colonial, todavia, muitas às vezes, acabam obrigando o povo a voltar a ser acobardado, assim como esclarece o próprio Fanon:

Esse partido que se proclama servidores do povo, que se engava de trabalhar pelo desenvolvimento do povo, apressa-se desde que o poder colonial lhe entregou o país, a mandar o povo voltar a sua caverna. No plano da unidade nacional o partido dito nacional se converte em partido étnico. É um verdadeiro tribo transforma em partido. Esse partido que com muito gosto se arvora partido nacional, que diz falar em nome de todo o povo, secretamente e algumas vezes abertamente organiza uma autêntica ditadura étnica. Os ministros, os chefes de gabinetes, os embaixadores, os prefeitos são escolhidos na etnia do líder, às vezes mesmo diretamente em sua família (FANON,1961, p. 150-1).

Esses tipos de pensamentos e comportamentos dos dirigentes de um partido político é considerado inadequado e é uma fraqueza intelectual da reflexão. Estes ministros, os chefes de gabinetes, os prefeitos e embaixadores que são escolhidos na etnia do líder e que é visto de uma forma diretamente dentro da família do próprio líder. E estes regimes típico familiar parecem retomar as antigas leis endêmicas e não são epidemias. Mas grande vergonha que os cidadãos se sentem a frente desta forma comportamental dos dirigentes, caracterizando, assim de um comportamento sem postura, desta miséria intelectual e espiritual.

Segundo Fanon, (1961), afirma que tais responsáveis de governo que são os verdadeiros traidores de um país, porque já não pensam mais em fazer a vontade coletiva. Esta ideologia do tribalismo no poder favorece o espírito regionalismo, separatismo. Portanto, para que isso se acaba os povos que deveriam saber e ter nas suas mentes que os condutores dos povos, agora, não existem mais. As populações não deveriam ser mais rebanhos e não necessitam mais ser conduzidos. Se um líder nos conduz queremos que ele saiba que ao mesmo tempo nós o conduzimos. A nação não deve ser um comércio dirigido por uns certos números de pessoas que preocupam com os seus próprios interesses pessoais e familiares (FANON, 1961, P.152).

À vista disso, um país dito democrático deve ser dirigido na base da democracia, respeitando as regras, as normas e as leis que regulam a convivências humanas. Um líder não deve fazer o que quer e o que pretende fazer dentro de um país que é de todo. Segundo Jean Jacques Rousseau (1999), um líder ou qualquer que seja um dirigente deve fazer a vontade geral e ele não deve fazer o que pretende fazer por maior força que tem, o poder do “soberano” por mais “absoluto” mais “sagrado” mais “inviolável”, não ultrapassa nem pode ultrapassar os limites dos acordos gerais, por isso ele deve ouvir primeiramente os desejos coletivos. O contrato social foi estabelecido para pôr em primeiro lugar a vontade geral, isto quer dizer, a igualdade para todos os homens e tudo deve ser feito na base de censo coletivo que serve para o progresso e o bem-estar social (ROUSSEAU,1999, P. 22).

Neste sentido, uma república que quer realmente dar resposta às perguntas que a história lhe apresenta, que quer progredir e desenvolver suas cidades e o cérebro de seus habitantes tem de possuir um partido verdadeiro e ideal. O partido não é um mecanismo nas mãos do governo. Muito pelo contrário, o partido político é um aparelho nas mãos do povo. É ele que estabelece a política que o governo aplica. Enfim, a criação de um partido desde os primeiros dias da sua existência, de direções regionais adotadas de toda competência para acordar uma região, fazê-la

viver, apressar a tomada de consciência dos cidadãos é uma necessidade a que um país independente que deseja avançar, progredir e desenvolver não poderia escapar no seu cotidiano. Para isso, o governo do partido político deveria estabelecer um projeto fora da capital. É preciso dessacralizar a cidade e mostrar as massas desfavorecidas que é para elas se decide trabalhar. Não tem nenhuma justificação e motivo sério que pode opor-se à escolha de uma outra cidade, ao deslocamento do governo para uma das regiões mais atrasadas no país, assim como, deve estabelecer os acordos com as massas rurais. Deve fazer uma política nacional, isto é, antes de tudo uma política para as massas. Não deve jamais perder o contato com o povo que lutou por sua liberdade e independência pela melhoria concreta de sua existência. É por isso que o escritório político do partido deve privilegiar as regiões atrasadas e deve ocupar o menor espaço possível na vida da nação que é muito fundamental e sagrada. Numa nação subdesenvolvida como a Guiné, a partido político deve ser estruturado de uma maneira desejável e ética para comunidade que não se alegre apenas de ter relação com as massas. O partido não é uma gestão responsável de transmitir as ordens do governo. O partido político é o porta-voz dinâmico e defensor puro das massas. Para que, todos os povos se aproximem a essa concepção de partido é preciso antes de mais nada que se tirem da ideia tipicamente ocidental e burguesa e orgulhosa, afirmando de que as massas são incapazes de conduzir-se a si mesmas.

Os povos nacionais , estes multidões ambiciosos e analfabetos , estes homens e estas mulheres mergulhados durante a muitos anos nas trevas mais assombrosas resistiram contra os carros de assaltos, os aviões , contra tanques e canhões, mas sobretudo, contra a corrupção e a lavagem cerebral , contra os traidores, não mereciam viver a mesma situação, mesmo ambiente do período colonial nesta época pós- colonial e todos os cidadãos são obrigados repensar , refletir e compreender o que passa no seu cotidiano dentro do país . Como dizia um exército “nacionais “ de Gen.Bellounis de que “quanto mais o povo compreender, mas se torna a vigilante, mais se torna consciente de que definitivamente tudo depende dele e que sua salvação reside em sua coesão, no conhecimento de seus interesses e na identificação de seus inimigos”. O povo percebe que a riqueza que certo grupo de pessoa possui não é fruto de seu próprio trabalho, mas era uma propriedade coletiva resultante de um roubo organizado e protegido é, por isso, que causa às vezes perturbação e conflitos no país por alguns os indivíduos que não beneficiam de nada e que acham que é injusto isso ter lugar num estado dito democrático e coletivo (FANON, 1961, P.157).

O povo não se alegra em triunfar nesta prova e, assim comprando essa preocupação do Frantz Fanon com a Guiné-Bissau que é o foco da nossa abordagem, os cidadãos guineenses propuseram estas questões teóricas: por que a Guiné-Bissau com tantos recursos naturais ficou o seu tempo todo imóvel? Por que no País a gente não come peixes de boas qualidades, enquanto



anualmente milhares de toneladas foram transportados para os estrangeiros sem prova? E, mas onde se colocam dinheiros de milhares de contentores de castanhas de caju e de madeiras que foram exportados para o exterior? O povo guineense sabe muito bem e até hoje tem uma noção muito clara sobre o que acontece no território nacional. Então, se algumas pessoas não compreendam a persistência da luta de libertação nacional liderada pelo PAIGC em não admitir nenhuma intromissão nessa propriedade importante para o bem coletivo e a sua vontade ferozmente de recusar qualquer estabelecimento de acordo com os colonizadores a respeito desses princípios. Então, é preciso que todos outros povos saibam que o povo guineense é hoje um povo adulto, responsável e consciente. As massas populares guineenses devem saber para onde vão e por que vão. Homens políticos não devemos ignorar que o futuro desse País continua a ser adiado e vedado enquanto a consciência do povo é fundamental e começo da realização de sonho de uma nação. Os homens políticos devem ter ideias bastantes claras sobre a situação do seu povo. Não devem ignorar que a vitória sobre ele de menor resistência, heranças de domínio material e espiritual do país é a necessidade a que nenhum líder da Guiné-Bissau poderia fugir-se durante todo tempo no seu exercício mandatário.

Além disso, não deve dizer ao povo: “Rebenta”, com tanto enquezeza do país, visto que, se querem avançar precisam-se de unir e trabalhar em colaboração, para que, o país obtenha um crescimento econômico e investimento, assim como mostra Frantz Fanon:

Se queremos aumentar a renda nacional, diminuir a importação de certos produtos inúteis e até mesmo nocivos, incrementar a produção agrícola e lutar contra analfabetismo, precisamos explicar. É imperioso que o povo compreenda a importância da aposta. A coisa pública há de ser a coisa do público. Desembocamos, portanto, na necessidade de multiplicar as células na base. Muitas vezes, na realidade, contentamos-nos com instalar organismos nacionais no alto e sempre na capital: a união das mulheres, a união dos jovens, os sindicatos etc. (FANON,1961, P.159).

Para tanto, os povos devem estar cientes de que a coisa pública há de ser a coisa do público. Pensam-se que basta um líder ou dirigente falar em tom autoral dos grandes problemas da atualidade para estar desobrigado do imperioso dever de politização das massas. Ora, politizar é abrir espírito, é despertar o espírito e dar à luz ao espírito. Como Aimée Césaire afirma que a politização é “inventar almas”. Politizar as massas não é, não pode ser fazer uma propaganda política. É persistir-se com fúria em fazer com que as massas compreendam que tudo depende dela e se desviassem as consequências sobre ela.

A juventude é quase sempre uma juventude desocupado, não faz nada e a maioria não trabalha. Cumpre antes de tudo dar-lhe uma ocupação, por isso é que o Ministério da Juventude deve estar institucionalmente inerente ao Ministério do Trabalho. O ministério do Trabalho que é necessário

para um país subdesenvolvido. A juventude é o motor de qualquer que seja a sociedade, neste sentido, autor assevera o seguinte:

A juventude africana não deve ser dirigida para os estádios, mas para os campos, para os campos e para as escolas. O estado não é esse local de exibição instalado nas cidades, mas um espaço determinado no seio das terras que arroteamos, cultivamos e oferecemos à nação. A concepção capitalista do esporte é fundamentalmente diferente daquela que deveria existir num país subdesenvolvido. O homem político africano não deve preocupar-se em fazer esportistas, mas homens conscientes que podem também ser esportistas. Se o esporte não se integrar na vida nacional, isto é, na construção nacional, se formamos esportistas nacionais e não homens conscientes, então em breve assistiremos ao apodrecimento do esporte provocado pelo profissionalismo, pelo comercialismo. O esporte não deve ser um jogo, uma distração oferecida à burguesia das cidades. A maior tarefa é compreender a todo momento o que se passa entre nós. Não devemos cultivar o excepcional, procurar o herói, outra forma do líder. Devemos erguer o povo, engrandecer o cérebro do povo, enriquecê-lo, diferenciá-lo, torna-lo humano (FANON, 1961, p.161).

As massas têm obrigação de saber que o governo e o partido político estão as servindo. Por conta disso, um povo consciente de sua dignidade é um povo que jamais esquece essas evidências. Porquanto, durante a época da ocupação colonial foi dito ao povo guineense que era necessário que ele desse sua vida pelo sucesso da dignidade. Mas o povo percebe bem rápido que sua dignidade era contrariada somente pelo dominante. O povo entendeu com rapidez que havia uma igualdade absoluta que existe entre a dignidade e a soberania. De fato, um povo digno e livre é um povo soberano. Portanto, um povo digno é um povo responsável sobre o que ele faz dia a dia. Um governo e partido político devem ter os cidadãos que merecem e num prazo mais ou menos longo um povo deve ter um governo que merece (FANON, 1961, P.162). Cada vez que se nota esse abandono da responsabilidade num militante não basta dizer-lhe que não tem razão ou o que ele fez é errado. É preciso torná-lo responsável, convidá-lo a ir até ao fim do seu raciocínio e mostrar-lhe claramente o caráter muitas vezes perverso, desumano e definitivamente frustrado desse “o único jeito é “. Nenhuma pessoa detém a verdade, nem o dirigem nem o militante. A corrida atrás da verdade nas situações que acontecem sempre na no nosso cotidiano é a tarefa coletiva. Alguns indivíduos tem umas experiências mais ricas a relação aos outros, elaboram rapidamente seu pensamento e estes puderam transmitir esses conhecimentos no passado com maior número de ligações mentais. Mas devem evitar humilhar o povo porque o sucesso da tomada da decisão adotada depende de todo o povo. Nenhum cidadão deveria tirar o seu corpo fora ou estar isolado da situação do País, porque todas os problemas que irão abalar o país também afetarão todos agentes, fora assim como dentro do país. O combate coletivo pressupõe uma grande responsabilidade colegiada da cúpula. É uma grande necessidade de comprometer a todos no combate pela salvação comuna. Não há mãos limpas, não há inocentes nem

especuladores e estão todos sujando as mãos nos pântanos da terra e no vácuo terrível do cérebro dos guineenses. Todo o espectador é um covarde ou um traidor (FANON, 1961, P.163).

Além disso, a experiência individual é nacional, relação da existência nacional deixa de ser individual limitada estreita e pode desaguar na verdade da nação e do mundo, assim como, a fase da luta de libertação nacional. Cada combatente sustentava a nação na ponta do braço da mesma maneira que durante esta fase da construção do território nacional que cada cidadão deve continuar em sua ação concreta de todos os dias associar-se-á ao conjunto da nação, a encarnar a verdade constantemente dialética da nação, a querer aqui e agora o êxito do homem total. Por este motivo a dizer que, se a construção de uma ponte não vai enriquecer a consciência daqueles que nela trabalham, então, esta ponte não se construa. A ponte não deve cair do céu num paraquedas, não deve ser obrigada por um deus ao panorama social, mas deve, pelo contrário, sair dos músculos e dos cérebros de todos cidadãos guineenses. Portanto, um governo que se proclama nacional há de chamar a si totalidade da nação e nos países subdesenvolvidos a juventude representa um dos setores mais importantes. Cumpre-se a educar a consciência dos jovens e esclarecê-la. É esta juventude que se tornarão a encontrar no exército nacional. Se o trabalho de explicação foi feito ao nível dos jovens cumpriu a sua tarefa que é integrar a juventude no território nacional guineense, então poderão ser evitados os erros que comprometeram e até minarem o futuro da República da Guiné-Bissau. O exército não é nunca uma escola de guerra, mas uma escola do civismo e uma escola política.

O soldado de uma nação não é um mercenário, mas um cidadão que por meio das armas defende a nação. Por isso, é fundamental que o soldado saiba que está a serviço do país e não de um oficial, por mais prestigioso que este seja dentro do território nacional guineense. É preciso aproveitar o serviço nacional civil e militar para elevar o nível da consciência nacional, para destribalizar e unificar.

Para tanto, num país subdesenvolvido como a Guiné-Bissau é fundamental realizar com a maior rapidez a mobilização dos homens e das mulheres. Porquanto, o país deve recusar-se e acabar-se de perpetuar-se as condições feudais que consagram a prioridade do elemento masculino sobre elemento feminino. As mulheres deveriam ter um lugar idêntico ao dos homens, não nos artigos da constituição, mas durante a nossa vida cotidiana, na fábrica, na escola, nos ministérios, nas funções públicas e nas assembleias (FANON, 1961, P.165).

Se se todo guineense deseja de fato economizar ao país essas recessões, essas paralizações e essas interrupções, é preciso passar velozmente da consciência nacional à consciência política e social. Não existe a nação em parte alguma senão num planejamento elaborado por alguma direção inovadora e voltando transparentemente e com entusiasmo pelas massas.

Nos países subdesenvolvidos como no caso da Guiné-Bissau, é necessário situar constantemente o empenho nacional no quadro geral do nosso território nacional durante toda a nossa vida cotidiana. Neste contexto, deve haver a união da consciência a frente da fome e da ignorância, à frente da miséria e da consciência embrionária devem estar sempre em cada momento presentes no dia a dia no espírito e nos músculos de todos os homens e as mulheres guineenses para o bem-estar dos cidadãos e para desenvolvimento de todo território nacional da Guiné-Bissau.

No país deve haver uma espécie de união e de colaboração, do esforço coletivo e de destino da consciência comum ao nível dos homens guineenses. Não se devem odiar uns aos outros e nem se devam a assassinar o seu companheiro por causa de conflito, do ódio ou da vingança se quiserem mesmo progredir, mas quiserem que, quando, há um desentendimento, desordem e conflitos que se sentam na mesa e dialogarem sobre o que os interessam para o progresso da nossa nação. O que querem é conhecer as experiências feitas pelos os irmãos vizinhos das sub-regiões; senegaleses; gambianos e cabo-verdianos como referências no quadro da luta contra a fome, a miséria dos cidadãos, contra os analfabetismos ou as tendências ditatórias dos dirigentes. Estes são componentes que nos fortificam, ensinam e decuplicam a eficácia. A elaboração de um programa governamental é necessária a um governo que queira de fato libertar a política socialmente ao povo.

O programa econômico como também doutrinário sobre a repartição das riquezas e as relações sociais. É preciso realmente ter uma concepção do homem, uma concepção do futuro do homem. Isso quer dizer, que nenhum paradigma de mágia nenhuma convive com o antigo ocupante. Os povos da Guiné-Bissau são povos subdesenvolvidos, ao contrário de que se costuma acreditar e de identificar-se facilmente a sua consciência política e social. O que é observado como o pior que pode ser mais grave é que muitas vezes se chegam a essa consciência política e social antes da fase nacional, por isso, pode se verificar no país a exigência violenta de uma justiça social que, paradoxalmente, liga-se à uma ideologia típica do tribalismo quase sempre considerado como um ato normal e primitivo.

Enfim, o nacionalismo no país deveria ser discutido e analisado senão se transforme rapidamente em política e social que conduziria a um impasse dentro do território nacional. A construção coletiva de uma nação com um destino comum é aceitação de uma responsabilidade pela grandeza da história. O governo dito nacional se quer ser mesmo a verdade nacional deve governar pelo povo e para o povo, para os deserdados e pelos deserdados. Neste sentido, um líder deve fazer tudo esforço para concretizar os sonhos da coletividade. Nenhum líder por maior que seja o seu valor pode substituir-se à vontade popular e o governo nacional. Em primeiro lugar

deve antes de se preocupar de estabelecer o acordo com autoridade internacional deve restituir-se a dignidade a cada cidadão e enriquecer os cérebros. Encher os olhos de coisas humanas e desenvolver um panorama humana, porque este é habitado por homens conscientes e soberanos (FANON,1961, P.167).

## **6. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada na realização da nossa pesquisa deste trabalho do projeto de conclusão do curso de Bacharelado em humanidades foi baseada, fundamentalmente, na pesquisa bibliográfica. Nesta pesquisa, consultamos e analisamos, basicamente, os livros, artigos científicos, dissertações do mestrado e teses do doutorado entre outras fontes não indicadas que nos ajudaram a compreender a questão da contribuição de “*Os Condenados da Terra*” para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau, assunto que tem merecido maior cautela ao longo de período de grandes autores da área da ciência social.

Neste sentido, a pesquisa começou-se com o primeiro passo marcado com a escolha e a coleta de dados bibliográficos que falam a respeito da temática. No segundo passo foi a leitura, fichamento e resumo de materiais dos assuntos importantes coletados para composição do trabalho. O terceiro foi a composição da listagem das palavras essenciais, isto é, as palavras principais das obras que consultamos que têm uma grande maior importância sobre o que vamos investigar, facilitando-nos na identificação dos dados que foram fichados para elaboração do trabalho da pesquisa do projeto de conclusão do curso.

Por último, trata-se de análise do conteúdo do material de levantamentos à elaboração e às finalizações da pesquisa. Enfim, nosso trabalho possui as seguintes partes: resumo, introdução, justificativa, objetivos, fundamentos teóricos e conclusão.

No resumo sintetizamos as ideias que caracterizam o nosso trabalho e os materiais bibliográficos coletados; introdução englobam aspectos metodológicos, especificando a investigação e as finalizações do trabalho de pesquisa. Enquanto os objetivos dizem respeito a relevância da temática escolhida; fundamentos teóricos abordam a questão da descolonização da mentalidade colonial, assim como a união e a unidade nacional.

Na finalização do trabalho, apresentamos considerações finais que refletem ao um conjunto das ideias destacadas em cada parte. No resumo, preocupações e delimitação comparando-as durante a realização da pesquisa a partir do contexto discutido e definido. Além das referências bibliográficas que podem ser elementos fundamentais para o uso dos futuros pesquisadores deste o nosso trabalho do projeto de pesquisa.

## 7. CONCLUSÃO

A partir do trabalho do projeto de conclusão do curso do Bacharelado em Humanidades que tem como objetivo principal contribuir para se pensar a descolonização da mentalidade colonial no contexto da Guiné-Bissau fundamentado na obra, “*Os Condenados da Terra*” de Frantz Fanon, descobrimos que o processo da descolonização do povo argelino oprimido da colonização da metrópole francesa chegou a ser uma realidade devido as críticas feitas por grande Ativista Frantz Fanon, tanto ao imperialismo quanto ao nacionalismo. Pois, a união e a unidade de todas as massas nacionais colaboraram o ideário da luta para a libertação nacional contra o jogo colonial da metrópole francesa por uma causa em comum que era expulsar, definitivamente, do país o colonialismo francês.

O povo argelino na época estava cada dia mais cansado de dominação, exploração, violência, crimes de sangramentos, onde as pessoas perderam suas vidas de uma forma tão violenta. Isso estimulou Frantz Fanon a servir como porta-voz dos povos oprimidos para uma adesão da luta armada de libertação nacional para que o processo da descolonização se torne uma realidade. Foi neste exato momento que unificaram e formaram os movimentos, tal como Frente de Libertação Argelino (FLA), onde o livro de “*Os Condenados da Terra*” teve a sua maior participação ativa como impulsionador do povo à adesão a luta, para que, o processo da descolonização se torne uma realidade.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDÉ MONTEIRO, A. O. **Guiné-Bissau: Da luta armada à construção do estado nacional-conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994)**. Salvador, 2013.289p.Tese (doutorado) - Curso de Pós-graduação em ciências sociais, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2013.

CASTANHEIRA, José Pedro. **Quem mandou matar Amílcar Cabral?** Rua Sylvio Rebelo, nº15,1000-Lisboa.3ª edição, junho de 1999.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras intervenções.2ªedição: CAMINHO outras margens autores estrangeiros de língua portuguesa,2009.

**Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral/Carlos Lopes (org.); [tradução de Roberto Leal/fundação Amílcar Cabral].** - São Paulo: Ed. Unesp, 2012.p.215.

FANON, Frantz. **Les Damnés de la Terre (Os Condenados da Terra):** Prefácio de Jean Paul Sartre. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira,1961.

FAUSTINO, D. M.” **Por que Fanon, por que agora?** ”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. São Carlos, 2015.261p.Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos,2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas/Frantz Fanon**; tradução de Renato da Silveira. -Salvador: EDUFBA, 2008.

Fonte:[http://-guinebissau.com/país/organização\\_administartiva.htm](http://-guinebissau.com/país/organização_administartiva.htm) [www.stat](http://www.stat) acesso em 13/05/2017, pelas 17h53mn.

Fonte: <http://www.proel.org/img/mundo.caribe.criouullo.gif>. Acesso em 13/05/2017, pelas 17h53mn.

MENESES, Maria Paula. **Os sentidos da descolonização**: uma análise a partir de Moçambique. Recebido em 28 de julho de 2015.Revisado em 15 de dezembro de 2015. Aceitado em 21 de dezembro de 2015. -Moçambique,2015.

NAMONE, D. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC**: Etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional.2014.120p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2014.

**Nota**: Versão extraída de “Obras Escolhidas de Amílcar Cabral: A Arma da Teoria. Unidade e Luta”, Vol.1, textos coordenados por Mário de Andrade, Lisboa, Comité Executivo da Luta do PAIGC e Seara Nova,1995.

ROSA, José. « **Os condenados da terra, de Frantz Fanon** », *Cultura* [Online], Vol. 34 | 2015, Online since 27 July 2016, connection on 05 April 2017. URL : <http://cultura.revues.org/2585> ; DOI : 10.4000/cultura.2585

ROUSSEAU, Jean Jacques. **O contrato social**: Princípios do Direito Político. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo,1999.

## 9. Cronograma

**2016- 2017**

Atividades	Mês							
	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
Seleção do material	X							

Revisão Bibliográfica		<b>X</b>	<b>X</b>					
Fundamento teórico			<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
Metodologia								<b>X</b>
Conclusão								<b>X</b>
Entrega da pesquisa								<b>X</b>